

personagem constante nos relatos dos operários que o descrevem e o apontam como uma pessoa neurótica e sem limites de sadismo.

Também o Sargento Thompson é apontado como um torturador idêntico ao Cabo Machadinho, uma pessoa sádica, inescrupulosa e sem qualquer sentimento de moral ou ética.

O operário Raimundo Francisco da Silva - o Botinha - foi sequestrado dentro do quartel da Polícia Militar pelo capitão Walfredo e pelo sargento Thompson e preso sob a falsa acusação de ter roubado o pagamento do seu colega Wilson Viana da Silva. Botinha sofreu todo tipo de horror no "pau de arara", com mangueira de água ligada no nariz e levar pontapés no estômago e nos órgãos genitais.

O farnigerado tenente Xavier levou para Ipatinga um grupo enorme de PM2. Informantes. E entre os informantes estava o 2º Sargento Itamar de Vasconcelos, que aparecerá como torturador na segunda fase deste meu relato. O Sargento Itamar foi expulso da polícia, motivado pela série de roubos que praticava com desvios de madeira de lei e de tráfico de animais exóticos da fauna no Parque do Rio Doce.

Foi esse 2º sargento que fez a minha prisão em 13 de junho de 1967 e comandou a sessão de torturas praticadas contra minha integridade física, deixando-me com as visceras rompidas. E com uma ficha "criminal" que me acompanharia até o final de minha vida.

Policiais Assassinos

No inquérito público aberto na Comarca de Coronel Fabriciano que seria para apurar as causas das chacinas de Ipatinga foram denunciadas 25 militares.

A exceção foi - injustificadamente - a não citação do capitão Robson Zamprogno, que teria mandado ao Ten. Jurandir Gomes de Carvalho abrir fogo contra os operários através de um bilhete misterioso que até hoje paira a dúvida sobre seu verdadeiro conteúdo.

Este número inclui os envolvidos desde o incidente do dia 6 até o fuzilamento do dia 7 de novembro de 1967:

Tenente PMMG Jurandir Gomes de Carvalho, do Regimento de Cavalaria;

Sargento PMMG Carlos Alberto Xavier, do Regimento de Cavalaria;

Cabo PMMG José Maria Francisco, do Regimento de Cavalaria;

Soldado PMMG Argentino Teodoro Tavares, do Regimento de Cavalaria;

Soldado PMMG Marçal Nascimento Maia, da PMMG;

Soldado PMMG Sebastião Cândido dos Santos, do Regimento de Cavalaria;

Soldado PMMG Clóvis Inácio da Silva, do Regimento de Cavalaria;

Soldado PMMG Elias Inácio da Silva, do Regimento de Cavalaria;

Soldado PMMG Elson Valeriano, do 6º BPM de Governador Valadares;

Esses ex-colegas da USIMINAS disseram que minha prisão provocou reações junto aos estudantes de Belo Horizonte fizeram passeatas nas ruas para denunciar a ilegalidade e os maus tratos da polícia.

O "Piu" é umas das grandes personagens de minha passagem pela USIMINAS e no relato sobre minha prisão em 1967, bem como sobre o Massacre dos Operários em 1963. Fomos criados juntos em Raposos, onde seu pai - Benigno Azevedo Leite - foi prefeito pelo antigo PTB e considerado comunista e pertencente ao Grupo dos 11. Benigno foi preso em 1964 por agentes de repressão aos Movimentos Populares e fez parte do Processo da Mina de Morro Velho. Ficou preso algum tempo em Neves "Piu" tinha a quem puxar.

E foi ainda nessa conversa rápida que tive com o "Piu" que fiquei sabendo que vários companheiros haviam sido presos sob a alegação de que estavam envolvidos comigo. Mas que depois de alguns dias e saftanões foram soltos.

"Piu" sempre teve posição de destaque entre os operários e na política de Ipatinga. Chegou a ser vereador na primeira legislatura de Ipatinga em 1965, quando a cidade foi emancipada.

Ele também seria mais uma vítima de absurdas perseguições políticas, apenas por ser meu amigo e ter me visitado na cadeia.

Depois de minha prisão, e com os efeitos da repercussão do meu suposto envolvimento com antigos companheiros, todos passaram a ser vigiados. O "Piu" teve seus passos seguidos e por ser filho de Benigno Azevedo Leite, um antigo político comunista, destemido e atuante foi muito perseguido pelos informantes e dedo duros na cidade.

Como foi à luta, seguindo os exemplos do pai porque jamais se esmoreceu diante das dificuldades "Piu" chegou a chefiar o Departamento de Obras da Prefeitura na Administração de Janil Selim de Sales e de João Lamêgo. Mas sua carreira sempre era interrompida. Ele sempre tinha que justificar coisas absurdas que inventavam contra ele. As armações sempre tinha o "dedo" do 2º sargento Itamar de Vasconcelos.

Como registro de fato marcante foi por volta de 1980, ainda em pleno regime ditatorial, onde o "Piu" fora "acusado" por esse 2º sargento de tentar colocar bomba na Prefeitura.

Isto foi plantado na imprensa local e saiu com destaque nos jornais do Vale do Aço e também no Jornal de Minas, de propriedade do informante e membro da comunidade da repressão, Afonso Paulino, o "minhoca", amigo do 2º Sargento Vasconcelos.

O 2º Sargento Itamar Vasconcelos foi expulso da Polícia Militar pelos roubos comprovados de madeira no Parque do rio doce, mas não havia saído de Ipatinga, onde chegou a ter um jornal que usava para achacar empresários e políticos.

B. O transporte de um prisioneiro "subversivo perigoso" para Belo Horizonte.

Para esconder a minha saída da cidade de Ipatinga os policiais: 20 Sargento Itamar, o Delegado cel Antônio Fernando de Alcântara e o Sargento Saturnino, o "buraco na parede" me enfiaram num saco de anilagem e me jogaram na traseira de um jeep, onde fiquei "alojado" com a boca no assalho cheio de barro. Dois soldados sentaram na cadeira de trás e usaram meu corpo para descanso dos pés. Chovia.